



Revista GeoUECE

“O meu passeio calado é uma conversa contínua... e há grandes viagens por fazer se tivermos alma com que ter passos”
Entrevista com o Professor Nestor André Kaercher – POSGea, UFRGS

Entrevistadores(as)

Keane Barroso de Carvalho Saturno
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Simone Fernandes Soares
Universidade Estadual do Ceará - UECE

João Paulo Cruz Bezerra
Secretaria de Educação do Estado do Ceará – Seduc-CE

Organizadora

Victória Sabbado Menezes
Universidade Estadual do Ceará - UECE

APRESENTAÇÃO

Nestor André Kaercher é licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1988), mestre em Educação pela mesma universidade (1995) e doutor em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2005). Atualmente é Professor Titular e Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Geografia, sobretudo com as temáticas de ensino de Geografia, formação de professores e prática docente.

É autor de uma vasta produção acadêmica que reflete seu compromisso com a linha de pesquisa em Ensino de Geografia. Até o momento, possui 30 livros publicados na condição de autor, coautor ou organizador, com destaque para a obra “Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a Geografia Crítica”, lançada em 2014 e resultante de sua tese de doutorado. Além disso, possui um número considerável de capítulos de livros e artigos publicados em periódicos, individual ou em parceria com colegas e/ou orientandos. Todos os seus textos podem ser encontrados no blog: <http://geografiadonestor.weebly.com>.

A entrevista foi realizada em 8 de dezembro de 2023 no turno da manhã na sala de reuniões do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará. Este encontro com o professor Nestor Kaercher foi proporcionado devido a sua vinda à Fortaleza em decorrência da sua participação como palestrante convidado na XII Semana da Pós-Graduação em Geografia da UECE, a qual ocorreu entre os dias 6 e 8 de dezembro de 2023. Deve-se salientar que esta vinda do professor foi viabilizada pelo convênio do PROPGEO/UECE com a Secretaria Municipal de Educação (SME) de Fortaleza. Inclusive,



entre os entrevistados há pós-graduandos vinculados ao convênio do PROPGEO/UECE com a Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, como as professoras Keane de Carvalho e Simone Soares, e com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará, como o professor João Paulo Bezerra.

A entrevista foi desenvolvida, conforme proposição do professor Nestor, por meio de um diálogo, sem preocupação em manter a rigidez de uma dinâmica de perguntas e respostas. Logo, será possível perceber interações e comentários dos entrevistadores para com o entrevistado. Entre os temas abordados na entrevista, o professor discorreu acerca dos desafios do ensino de Geografia no contexto hodierno, os obstáculos epistemológicos da docência, os livros didáticos, as novas tecnologias e a inteligência artificial na Educação e a formação docente. A relevância desta entrevista centra-se na riqueza de saberes e experiências partilhados pelo professor Nestor a partir de sua vivência como profissional docente há quatro décadas entre ensino básico e ensino superior.

ENTREVISTA

Keane: Professor Nestor Kaercher, tivemos na Prefeitura de Fortaleza no ano de 2023 a posse de 1822 novos professores, sendo 927 de área específica. Chegamos no final de 2023 com um déficit de 666 professores de Geografia, segundo o Sistema de Gestão de Pessoas - SGP da Secretaria Municipal de Educação... Dentre alguns fatores que justificam esse número como aposentadoria, desligamentos, temos também um número expressivo de professores que desistem do processo de ensino-aprendizagem após o contato com a sala de aula. Diante disso, pergunto-lhe: Como você avalia a formação dos Licenciados para área de ensino, sobretudo na Geografia, para lidar com os desafios da sala de aula do ensino básico?

Professor Nestor: É uma pergunta fácil de fazer e difícil responder, porque em dez segundos tu me bota um abacaxi pra eu descascar (*risos*). Bom, como é que é a formação? A resposta mais fácil é: está é uma questão muito ampla porque a gente teria que ver casos a casos num país continental. Só a rede, fiquei sabendo ontem, que vocês têm, são duzentos mil alunos, isso é uma multidão. Então, só para ver a formação dos professores teríamos que estudar mais particularmente para falarmos com um pouco mais de cuidado e pertinência. Generalizações são fundamentais para iniciarmos uma reflexão, mas são sempre superficiais e requerem revisão e aprofundamentos constantes. Mas, qual é o discurso mais comum? A precariedade na formação do professor. Isso é chover no molhado, porque se perguntarem como é que são os alunos de vocês? Ah, os alunos no geral, vocês da Educação básica dirão, ah os nossos alunos são muito precários, porque vem de famílias muito precarizadas. Então, a constatação da falta ou das carências é quase que universal. O que que eu poderia sugerir é o método do dobrar sobre mim mesmo: e a minha ação como docente não é precária? Bom, eu estou trabalhando em que lugar? Em que cidade? Em que universidade formando professores? Quem são esses meus alunos e como eu posso intervir para melhorar ou diminuir essas lacunas de formação? Então, eu acho que o primeiro passo para qualquer professor, independente de ser Geografia, é ele conhecer a realidade na qual ele está inserido, isso vale pra vocês que estão dando aula para



o sexto ano no interior do Ceará, como vale para mim que estou dando aula na Universidade Federal do Ceará ou na UECE. Conhecer o nosso público e conhecer o nosso local de trabalho, isso por incrível que pareça, apesar de ser óbvio muitas vezes não é feito, porque eu tenho meu planejamento de aula e eu vou fazer meu planejamento de aula ser seguido porque eu acho que ele está bom. Tanto faz se tu és um trabalhador, que tu tens dois turnos de trabalho, se tu és uma dona de casa, se tu és casada com um cara muito rico que pode ficar só em casa estudando, lendo. Só que seriam três realidades muito comuns, como é que eu posso fazer essa realidade ser trazida para a sala de aula e pensada o que que a Geografia tem pra dizer sobre isso? Conhecer o seu lugar de ação é conhecer as pessoas com quem lidamos. Isso é existenciar a Geografia. Ser e estar, par fundamental para eu reconhecer o outro e a mim mesmo.

Mas, isso é uma resposta muito micro. Não sei eu teria condições de falar sobre as políticas nacionais de formação de professor. Teria muitas coisas para dizer, mas qual é minha preocupação como formador de professores? É como atrair jovens para a docência, porque vocês já estão na metade do caminho. Eu tenho que pensar qual é a geração que vai seguir vocês na docência! E eu dou um exemplo que eu acabei de ter agora com a Victória. Quando ela começou a graduação, só ela queria ser professora, um curso que tinha muitas dezenas de jovens como ela. Como atrair e manter na docência os jovens?

Então, isso não se sustenta – as ‘vocações’ individuais - a longo prazo no Brasil. Nós teríamos que pensar muito no macro, para não ficar falando só do meu umbigo, de conhecer o entorno. É pensar que política nacional nós vamos fazer para atrair as gerações para serem professores. Vou dar outro exemplo, os cursos de licenciatura da minha Universidade, sobretudo das áreas Exatas, têm menos de um candidato por vaga. Para quem quer fazer Matemática, Física e Química, para dar três exemplos, tem menos de um candidato por vaga. Então, se eu me escrever no vestibular, eu já estou dentro. E ainda tem sempre muita desistência ao logo do caminho. Então, quantos professores estarão sendo formados nessas áreas que são absolutamente vitais para o futuro do País? Como vai formar um engenheiro se tu não teve aula de Matemática? Como é que tu vai querer formar um biólogo se não teve aula de Biologia? Então, eu já saí um pouco da Geografia, mas isso é um problema nacional. Como fazer isso? Por incrível que pareça, nós vamos começar a pagar para os alunos estudarem, porque aí tem um outro problema, já estou misturando os assuntos, formação EaD. Formação EaD é muito mais fácil, mais rápida e mais barata, mas qual é a qualidade dessa formação EaD? Então, como é que os cursos presenciais UECE e UFC vão concorrer com essa turma que faz um curso ali gerado numa Universidade, às vezes, de caráter duvidoso e que está formando rapidamente dos professores? Então, eu não tenho uma resposta só para tua pergunta porque são questões muito amplas, mas que teriam de ser pensadas mais como um plano estratégico para o País! Como fazer o fortalecimento das licenciaturas? E essa discussão não tem tanta importância no Congresso Nacional ou nas grandes entidades privadas do capital nacional porque não interessa. Qual a força de um grupo de educadores no Congresso Nacional comparado, por exemplo, com a federação da indústria ou com a federação dos bancos brasileiros ou com a bancada do agronegócio? A bancada do agronegócio concentra quanto por cento da população brasileira? Vamos exagerar, 3%. Quantos representantes eles têm no Congresso? Cem, cento e cinquenta... Quantos representantes nós temos lá da ciência, da Educação e da cultura? Bem menos,



provavelmente. Então, isso já não fala da formação de professores, mas fala de colher frutos de décadas de abandono da escola pública. Lá no Rio Grande do Sul ‘falta’ professor, muitos contratados, contratos temporários, precariza a ação docente.

Tem uma precarização permanente de professores temporários. Eu tenho colegas meus que estão há dez anos professores temporários. Então veja, a gente só está puxando um pouco o fio dos assuntos. O que a gente percebe é que não existe uma resposta rápida ou uma solução rápida para problemas que são complexos e já vêm sendo gestados há muitos e muitos anos. Dando um exemplo, talvez meio estranho, é como se eu fosse o pai de uma pessoa de dezoito anos, fui um pai ausente durante dezoito anos da vida dele e agora eu chego para o meu filho e digo: - “Tu está com dezoito anos, está aqui a chave do carro de presente, uma viagem para onde tu quiser, porque eu sou um pai presente na tua vida”. Então, eu acho que tem que continuar semeando e a Educação tem que semear lenta e constantemente para colher daqui a “x” anos. Não sou muito objetivo nas respostas, mas é para a gente pensar como reverter isso.

Keane: Eu estava pensando nessa questão de “voltar-se para si mesmo”. Acho que os colegas são bem participantes do movimento sindical da nossa categoria. Eu sempre bati na tecla de que a gente só se movimenta para lutar por uma coisa quando envolve dinheiro. A gente acaba sendo professor “mercenário”, a gente só quer o aumento salarial, a gente só quer a pecúnia, a gente só quer o financiamento, mas a gente não luta por uma qualidade na formação, a gente não luta por Educação para nossos alunos. Isso não movimenta a gente para lutar, eu acho que isso também, como o professor falou, a gente já é abandonado pelos interesses do capital que eu acho que o interesse mesmo é substituir a gente e deixar o professor cada vez mais obsoleto para ser substituído lá na frente, mas também falta a nossa reação. A gente lutar como classe consciente do nosso papel na formação das pessoas e na nossa própria formação e que tem que lutar por isso e não só se movimentar quando o interesse é monetário. Eu vejo muito isso nos movimentos sindicais aqui no Ceará.

Professor Nestor: Isso é inevitável (a luta por salário), não diria que o professor é mercenário, porque está lutando para ganhar mais, ele está batalhando pela sua vida digna. Isso é uma questão difícil e não é de hoje. Hoje a nossa instância coletiva sou “eu e meu celular”, a gente não consegue se reunir. Fazer uma reunião de trabalho que não seja só reclame já é difícil e estão trabalhando na mesma escola, então as instâncias coletivas são difíceis mesmo. Não tem assim a solução mágica para resolver isso, mas eu pegaria um pouco a fala da Victória de ontem¹, ao falar do Nóvoa², que ele vai dizer que a escola tem que ser também um espaço de formação permanente, porque na tua escola tu não vai conseguir reivindicar salário para o teu diretor, mas você pode fazer da escola um espaço de ouvir-se um ao outro. Um exemplo hipotético: Keane tu é professora de Filosofia! Que que tu faz mesmo? Eu, que sou professor de Educação física, será que tem alguma coisa em comum entre nós para agirmos, dentro da

¹ Refere-se à mesa “Educação cidadã e ensino: a emergência da pós-graduação e da formação de professores em Geografia” composta por Nestor Kaercher (UFRGS), Tereza Vasconcelos (UECE) e Victória Sabbado Menezes (UECE) como parte da programação da XII Semana da Pós-Graduação em Geografia da UECE, cuja mesa foi realizada no dia anterior à entrevista.

² António Nóvoa, professor português do campo da Educação e da formação de professores da Universidade de Lisboa.



escola, com nossos alunos? Eu acho que isso não custa muito dinheiro, isso é possível de fazer, é um espaço de alta formação. Mas, eu não sei se isso é muito bem-vindo na escola, não sei se a direção estimula esse espaço, não sei se nós professores estamos a fim. Então, de novo, eu não sei muito bem como mudar o mundo, mas eu sei que posso fazer alguma coisa para mudar a mim mesmo. Isso é o dobrar-se sobre si mesmo do ponto de vista ontológico, refletindo o mundo em si mesmo, não como exercício divagante, mas como potencializador da tua ação. Só que é muito mais fácil mudar o mundo. Eu resolvo o problema da Guerra da Ucrânia! Eu quero saber se eu vou resolver a minha atividade de professor, que, às vezes a aula é para começar às sete, mas eu só entro às sete e quinze na sala de aula e isso de certa forma é sonegar um pouco a Educação dos nossos alunos. Então, eu tenho que pensar um pouco o que eu posso fazer e isso não é ser milagreiro e nem dizer que a culpa é de vocês, por favor. Mas, o que eu percebo em minha prática docente, eu falo isso quase toda semana para os meus alunos, “eu vim me arrastando para cá para dar aula, mas que bom que vocês estão aqui”! E, no geral, quando começo a dar aula eu digo, mas que bom que está tendo essa aula e eu saio da aula contente. Eu fiz o que era para fazer e eu fico contente quando vocês falam, quando vocês participam. É isso, eu tenho que pegar a energia das pessoas que estão comigo, senão não vemos sentido nas coisas e desistimos ficando no velho chororô!

Disseste uma coisa bem interessante, às vezes o professor está acomodado e a resposta dos alunos é negativa quando dizem: - Que droga de atividade é essa aí, professor? Isso vai te desanimar, evidentemente. Então, por isso insisto: eu quero agradar vocês, meus alunos, porque vocês sorrindo e vocês participando, vocês me animam, porque depois eu vou ter que ir para outra turma. Porque se eu tiver sempre me arrastando em sala de aula, na escola, como é que vou aguentar estar quarenta horas naquele troço ali. Nós estamos vivendo uma prisão dentro da escola, então eu não quero estar dentro dessa prisão. Isso não tira a razão de vocês: ganho mal, alunos são desinteressados, escola precarizada. Vocês têm razão, mas se esta razão não for canalizada para algo construtivo, eu ‘morro’ na e para a profissão bem antes de me aposentar.

João Paulo: Quais os caminhos, no chão da sala de aula de Geografia no ensino básico, para a criação, alimentação e manutenção diária da motivação entre o professor de Geografia e os alunos para evitar a estagnação do aprendizado e ultrapassar a forma tradicional de ensinar Geografia em sala de aula?

Professor Nestor: Gente, é uma baita pergunta, ampla, gigantesca e quase como um projeto de vida. O que eu tentaria responder e já resgatando um pouco a fala anterior. Eu estou diariamente, e vocês, muito mais do que eu, dão mais aulas que eu, estão em contato com os alunos. Os temas clássicos da Geografia estão mais ou menos ali, os que vocês estudaram na Universidade, ainda que a gente tenha visto pouco aqueles temas e os temas estão mais ou menos ali delineados no livro didático, ou às vezes na listagem infundável que as secretarias nos mandam. Se os temas são esses e os alunos são esses, como é que a gente pode fazer essa interação desses assuntos, dialogar um pouco com a realidade do aluno? E o aluno o que tem a dizer? Sempre eles tem algo a dizer! Se complementemente com o que o livro diz e o que que eu tenha a dizer - porque geralmente nós sabemos mais do que eles daqueles assuntos que estão nos livros – e já temos



um bom ponto de partida pra reflexão em sala. O que que eles sabem? O que é a vivência deles? Porque vamos pegar um tema para ser ‘concreto’, um tema chave e geral da Geografia: Globalização. Todos nós trabalhamos isso, embora um vá dizer que é só no terceiro ano. Não, óbvio que não é do terceiro ano, agora, o que que é Globalização e como ela se reflete no dia a dia do teu aluno que está ali lá na escola de Fortaleza? A Globalização, mas não só a Globalização dos vários blocos econômicos e do capital internacional. Vamos conversar o seguinte, o que que tu está calçando, qual o teu tênis aí? É Nike? Que músicas tu ouves? Quais são teus ídolos, no esporte, nas artes? Que filmes tu vês? Que filmes passam no “Tela Quente” da TV Globo? Onde são produzidos? São perguntas que mostram a relação aqui-lá, eu e o mundo!

Keane: Engraçado que quando eu consigo chegar nesse assunto, eu nunca consigo falar dos blocos econômicos na sala de aula, porque eu fico no Iphone. Eu nunca falo de bloco econômico na sala.

Professor Nestor: Sim, porque é um conceito, um conteúdo. Talvez na Economia lá na Faculdade seja mais relevante. A maior parte dos conceitos da Geografia são - até por definição a priori - abstratos, só que qual o problema, voltando para a pergunta então? A gente começa algo com o conceito, localização é... urbanização é... domínio morfoclimático é... Não sei se é por aí. Então, tu falaste do Iphone, eu começaria por outra coisa. Quem são os teus grandes ídolos? Um adolescente, ah é a Shakira, o que ela faz? De onde ela é? Quantos seguidores ela tem? E Neymar? É isso, mas por que Neymar é o cara que alimenta milhões de jovens? Quais são os grandes ídolos das meninas? Da onde que eles vêm? Que que eles representam? No fundo são personagens todos globalizados, no sentido que são pessoas bonitas, jovens de sucesso com muito dinheiro, então eu talvez queira tudo isso também. Então, é um pouco a ilusão que faz como o que a Victória falou ontem, é a utopia que talvez façam eles andarem para frente.

Mas é uma utopia, primeiro, muitas vezes frustrante que eles não vão ser Neymar e nem vão ser Shakira. Nem todo mundo tem esses privilégios de ser algo excepcional. Mas também é um projeto de vida totalmente individualista. É eu ganhar dinheiro. É eu ter sucesso. É eu ter uma mansão. É eu ter um monte de seguidores. Não é olhar para o lado. E a Educação que é o processo que vocês estão fazendo é a gente sair da caverna e perceber: por que que esse cara aqui está passando fome? Por que que esse aqui está com Lamborghini? Por que esse aqui está vendendo coisa no sinal? É a gente olhar para o outro. Essa é a função da Educação: sairmos do nosso próprio umbigo. Refletir: por que a fome e a pobreza de milhares na minha cidade atraem menos do que o sucesso individual de meu ídolo? Isso a Geografia tem todas as condições de fazer, porque a gente precisa olhar para o outro. É o outro País, é a outra região do Brasil. É o outro continente. É a outra religião. Por que aqueles caras (em muitos lugares diferentes) estão jogando bomba um no outro? Então, tem que olhar para lá sem a pretensão de dizer que aquele ali está errado e aquele ali está certo. Isso quem tem que fazer é a escola, não só vocês de Geografia, mas professor de Educação Física pode ajudar a pensar o mundo! É essa a função da escola. Nós da Geografia através das categorias espaciais. Mas o professor de



Matemática também está ali, não é só para ensinar Matemática, é através da Matemática entender o mundo. Através da religião entender o mundo. Sem que eu, tu tenhamos a pretensão de termos as respostas para os paradoxos e horrores que o mundo nos joga na cara dia a dia!

Então, a resposta de novo é ampla porque não tem como não ser amplo. Eu diria para vocês o seguinte. Qual é a função de vocês, professores de Geografia? É através dos conteúdos tradicionais de Geografia fazer o aluno perceber-se no mundo, quem ele é e quem são as pessoas que estão a sua volta. E, o que é Fortaleza? O que é o Ceará hoje? E para onde a gente quer que Fortaleza e o Ceará vão? Isso é um projeto existencial, político, ético, filosófico, isso é Educação. Mas, qual é a contribuição da gente da Geografia podemos dar para pensar nesse mundo, sem necessariamente dizer: olha, você tem que ir por aqui, tem que votar nesse. Porque também é muito fácil ficar criticando o consumismo. Eu quero consumir, eu quero ter um calçado, eu preciso ter uma roupa, eu preciso ter uma casa. A gente sempre acha que isso tudo é consumismo, mas não vou condenar o jovem que vindo lá da pobreza, olhe um jovem de classe média, e pense 'eu também quero isso'. Aí entra na Globalização, eu não tenho dinheiro para comprar um Nike original, mas aí eu vou lá no camelódromo e compro um Nike que não original. Então, é difícil da gente fugir dessas garrafas que a gente está inserido. O capitalismo é genial porque nos seduz com uma quimera: compre, tenha e você vai preencher o buraco que existe em você!

Nada garante que tu fazer diferente vai dar certo. O Brasil não se conhece. Que frase mais geográfica! A gente não conhece a nossa história, as nossas tradições culturais. Por isso que o Brasil é um pouco essa selvageria da violência contra o pobre... com o apoio dos pobres. O opressor está dentro de nós. A Educação é um processo lento. NÃO é fazer milagre! É, não raro, subir ladeira, mas dá para começar fazer algo. Precisa começar! Quem somos nós? De onde nós viemos? É Geografia. Cadê os indígenas que estavam na costa do Ceará?

Simone: Na sua tese de doutorado sobre Geografia escolar e a prática docente, o professor nos conduz a repensar nossa prática pedagógica em Geografia. Eu mesma me senti contemplada tanto nas práticas e falas dos professores entrevistados, como também nas suas conclusões acerca das práticas deles. O professor também diz que a sala de aula pode ser um obstáculo epistemológico. Na prática, como seria isso?

Professor Nestor: O obstáculo epistemológico é uma crença que nós temos - todos nós somos crentes mesmo que sejamos ateus - e que, em vez de te impulsionar uma prática em sala de aula que seja reflexiva, que seja atrativa, que seja convidativa para a reflexão, ela passa a ser um obstáculo. Passa a ser uma coisa que me faz não avançar para uma reflexão mais qualificada com teus alunos. Então, vamos pensar numa prática que é um obstáculo epistemológico: achar que o bom aluno é o aluno calado que só copia, o aluno que só obedece o que eu faço e que um bom aluno é aquele que memoriza as coisas que eu perguntei para ele. Então, isso é um obstáculo epistemológicos porque tuas práticas serão direcionadas para a memorização, para o silenciamento do aluno, para uma prática que não convida a promoção do diálogo e os sujeitos participantes.



O que que é um outro obstáculo epistemológico? A ideia que a Geografia fala de tudo sem se perguntar porque esse tudo está (discutido) na sala de aula. Qual é o obstáculo epistemológico: quantidade é qualidade? Eu saber muitos assuntos mostra que eu sou um bom professor? Obstáculo epistemológico é correr o tempo inteiro, ah, novembro, já não tem mais o que dar, já venci o livro didático. Quantidade que substitui reflexividade. Obstáculo: fazer poucas perguntas, e, pior, dar as respostas ‘corretas’, ‘únicas’.

Então, essas falsas crenças, um certo produtivismo, uma certa correria, são práticas que acabam prejudicando a relação professor-aluno e a reflexão da sala de aula. Isso para mim é obstáculo epistemológico. Resumindo muito, eu sempre copio a frase do Gaston Bachelard, um texto lá do início do século XX, ‘perguntas professorais’. O que são perguntas professorais? Perguntas que tu, professor, faz, mas tu já sabes a resposta. Está ali só para preencher tempo. Pergunta professoral: Qual é a capital do Ceará? Qual a data da nossa Independência? Qual é a fórmula da água? O que seria uma pergunta possível: todo mundo do Ceará tem água potável? Por que no Ceará, que é um dos Estados mais antigos do Brasil, nem todos têm acesso a Universidade ainda hoje?

Keane: O professor afirma que a existência da Geografia no currículo escolar é mais por seu valor ideológico do que cognitivo. Hoje, podemos dizer que isso está mudando? Ou melhor, após o movimento que trouxe à tona a Geografia Crítica, essa ideia permanece ou já podemos dizer que o cognitivo prepondera?

Professor Nestor: As respostas podem ser sim e não. Há muitos exemplos de mostrar que continuam os desafios de renovar essa Educação e Geografia tradicional (no mau sentido de ‘tradicional’, engessado, irreflexivo) e, ao mesmo tempo, tem muita gente que faz um trabalho reflexivo e faz um trabalho interessante. Então, nunca tem uma resposta que é só sim e é só não. Isso já está lá um pouco na minha dissertação de mestrado que é aquele outro livrinho (“Desafios e utopias no ensino de Geografia”). Quais são os desafios que eu apontava lá em noventa e cinco (1995) quando fiz o trabalho? Que a Geografia crítica, Keane, chegue de fato na sala de aula e não só como discurso. Qual a utopia? Que a Geografia crítica chegue na sala de aula não só como discurso. Se é só ‘discurso’, boca para fora, é pastel de vento, é peruca, vem o vento e leva, não tem raiz, não é cabelo teu.

Então, o desafio é o mesmo que a utopia, é enfrentar obstáculo e propor algo diferente. Então, em muitos lugares melhorou. Deixa eu dar um exemplo bem concreto, eu sou de uma geração em que não se discutia racismo, nem homofobia, nem preconceitos, basicamente de raça, gênero e nem de classe se discutia muito ou se discutia classe numa visão marxista bem positivista de explorador e explorado. Essas discussões, vocês que são mais jovens, alguns já começaram a pegar um pouco e essa geração que está sendo formada agora já tem essa discussão. Tu já estás fazendo uma discussão sobre quilombola lá na Educação básica. Eu nunca ouvi falar em quilombo nem quando estava na Universidade.

Se eu quiser pegar alguma coisa positiva? Sim, está acontecendo. Se eu quiser pegar alguma coisa negativa? Sim, está esvaziando as licenciaturas. Então, sempre é contraditório. É dialético. Isso é dialético, é movimento, vai nessa direção e vai na direção oposta ao mesmo



tempo. E não só entre vocês, é dentro de mim que isso acontece, é dentro de cada um dessas contradições.

João Paulo: Na sua tese, o professor se perguntou por que a pesquisa sobre o ensino de Geografia atrai pouco interesse. Atualmente, estamos vendo um crescimento das linhas de pesquisa acadêmicas nesse sentido e até uma preocupação de muitos gestores municipais e estaduais em incentivar que os professores das suas redes reflitam e aprimorem suas práticas pedagógicas em suas áreas nos estudos de pós-graduação, como é o caso da Secretaria de Educação de Fortaleza que vem fazendo parcerias com as universidades federal e estadual nesse sentido. Contudo, ainda se nota um baixo interesse por parte da academia em criar linhas de pesquisa sobre ensino de Geografia e há professores que ainda preferem as linhas da Geografia Humana e da Geografia Física. Que fatores o professor poderia apontar que impedem grande parte dos professores a buscarem aperfeiçoamento a nível de pós-graduação para suas práticas docentes?

Professor Nestor: Coletiva, institucional e individual. Coletiva e institucional é que a própria academia ver os estudos sobre Educação como uma coisa menor. Se eu fizer uma pesquisa do bacharelado, ela é mais científica, porque ela é mais comprovável que uma pesquisa sobre Educação. Porque tem aí um ranço, as pessoas não admitem isso, mas tem a ver muito com o gênero. Pedagogia e Educação, que é que fez historicamente no Brasil? Mulheres. E as mulheres não tem que estar na Universidade, tem que estar em casa cuidando dos maridos e dos filhos. Óbvio que isso está mudando, ainda bem. “Só muito lentamente meu pensamento atravessa o rio a nado” diz FP!

Então, isso ainda está muito na nossa visão de coronel. Não vamos pensar que a instituição Universidade é só um lumiar de sabedoria, de democracia, de bons sentimentos, não. Ela reflete um pouco a sociedade atrasada que a gente está. E o fator individual? O desprestígio dos setores Educação e o fator individual também é um pouco isso que a gente já falou no início. Pouca gente se interessa sobre isso e paradoxalmente vocês educadores também são isso. Muitos vão fazer o mestrado, mas quem é que vai fazer sobre ensino ou sobre sua própria prática? A Keane acabou de dar um exemplo: estou há 16 anos na sala de aula, mas eu não me via voltando para a academia para estudar o que que eu faço, porque isso não é legítimo, isso é minha prática profissional, eu sou professora. Qual a concepção (obstáculo) epistemológico: o(a) professor(a) bom/boa está na sala de aula e ela basta. Não precisa estudar mais, a vida já ensina, já estou ‘formado/a’.

Quantas gerações de professores deram aula 25, 35 anos e não escreveram uma página sobre o que fizeram? Porque isso não é um conhecimento válido. Isso é tua prática. Como é que vai publicar isso? Isso é um relato pessoal. Um relato pessoal de 35 anos da minha vida. Então, tem várias coisas de caráter político no sentido de valorizar menos e é caráter da nossa cultura. Tomara que os convênios sejam continuados. Tem que ter políticas públicas de incentivo, porque o professor que está lá na rede, ele não vai voltar a estudar. Tem que ter incentivo e isso passa por bolsas de estudo e liberação de carga horária, senão virá só ‘mais trabalho’ para o professor. Tem que ser política de Estado, se não tiver dinheiro, gente, vira só sofrimento para



vocês. Tem que dar bolsa. Para manter o aluno na graduação tem que dar uma forma de pecúnia para eles para a passagem para chegar aqui, tem que comer. Nem todo lugar tem R.U.³ aberto na hora que a gente chega.

Não é só entrar na Universidade, é como manter o cara. Porque a gente consegue botar na Universidade, mas quem é que evade? No geral, são os mais pobres. Não é uma coisa de mérito, de ‘cabeça’/inteligência. É uma política social. Precisa de dinheiro. Só toquei no assunto, mas eu acho que é por aí.

Simone: O professor, no texto de sua tese, defende o uso mais pausado e reflexivo do livro didático nas aulas de Geografia. Muitos professores, ao longo do tempo, tecem muitas críticas negativas aos livros, sobre as visões de mundo por eles trazidas (falam o que o sistema quer que eles falem), sobre o empobrecimento teórico, sobre o nível de dificuldade das atividades propostas... enfim, são muitas as críticas que justificam o não uso do livro por grande parte deles. O professor vê sentido em alguma das críticas feitas pelos professores sobre os atuais livros didáticos? Qual a sua visão a respeito dos livros didáticos ofertados nas escolas públicas por meio do PNLD⁴?

Professor Nestor: Os livros didáticos de Geografia há muito tempo refletem um pouco o que reflete a sociedade. Os tamanhos dos jornais que vocês acompanharam nas últimas décadas diminuíram muito o nível e o volume de texto. Ah tá, mas os livros estão ruins? Sempre tem o seu oposto. Tem muitos livros didáticos bons. Então eles melhoraram muito, eu não tenho dúvida quanto a isso. E aí eu posso falar até de alguns livros de Filosofia do Ensino Médio e eu leio aqueles livros e digo: - Nossa! É quase que um curso de graduação. Muito bons. Os livros de História melhoraram, os livros de Geografia melhoraram também. Então, dá para responder o seguinte. O que que eu acho dessas críticas? Eu acho que às vezes elas são apressadas e elas acabam justificando um uso empobrecido do livro. O que que eu acho do livro? Se tem, use com certeza. Só que tu não és piloto de livro didático. Tu não precisas começar na página 3 e ir seguindo até o final. Tu podes começar na página 90 e depois voltar para a 14 e pular para a 180. Ou seja, tu fazer o uso do livro. Muito melhor o LD do que as redes que usam apostilas, não raro compradas de sistemas privados. Isso é um desperdício de dinheiro público (interessante para quem?): o PNLD oferece gratuitamente os Livros que são sim, bem melhores que apostilas muito mais empobrecidas.

Como é que eu vou ser contra o livro se ali está o mapa, o gráfico, a imagem? Você quer que eu desenhe o mapa? Não vai dar certo. Por que eu vou ser contra o livro se ali está a tabela com a desigualdade de renda não sei aonde. Está ali. Ah, o exercício é muito difícil, é muito fácil, é muito comprido. Adapte. Você tem 10 perguntas no exercício, escolha três, faça a tua quarta.

Enfim, o livro está ali para ser a tua base que tu, educador(a), pode usar a teu favor e não contra. Respondendo ao PNLD, o PNLD é uma política pública, vai continuar aí e o que a

³ Restaurante universitário.

⁴ Programa Nacional do Livro e do Material Didático.



gente tem que garantir é que ele seja de boa qualidade, plural e que tenha uma linguagem sim sempre ligada às condições dos alunos. Mas o que não dá é aceitar aquela crítica rasa: ah mas o livro didático não fala da minha realidade. Não, não vai falar de Santa Cruz do Sul que é a minha cidade, é óbvio. O livro tem que ser uma coisa genérica. Ah, mas não fala do tema LGBTQIA+, não vai falar, gente. Isso vai dar uma briga com a extrema direita. Tem que ser um livro mais suave, mas aí vai caber a cada um de vocês dizer não, não fala, mas eu quero falar disso e aqui em Fortaleza esse assunto está bombando, a questão do tráfico, a questão das milícias e mesmo lá na tua escola tu tem que cuidar o que que tu vai dizer. Não dá pra ser inocente e falar qualquer coisa em quaisquer lugares. Isso é geografia: saber onde tu estás e como tu podes atuar. Ah, porque o assunto está existindo, então eu vou me posicionar aqui contra as milícias, vai ser morto.

Então, o professor tem que escolher os companheiros para a faina diária. O livro é um companheiro, é um recurso que ele tem para usar, assim como outra coisa que eu vivo dizendo para meus alunos, gente, qualquer escola pode não ter os computadores, mas qualquer escola tem um quadro negro ou branco ou verde. Não importa a cor, use o quadro. O que que tu vais escrever nele? O que que eu vejo às vezes? O professor não sabe usar o quadro ou deixa ele em branco ou escreve umas palavras soltas, que o aluno olha aquilo e o que que é para fazer com aquela pergunta, com aquela frase? Quilombo. O que que é isso? Então, nós temos que nos apropriar disso, implica, de novo, em continuar estudando, continuar conversando com nossos pares para a gente continuar se alimentando e poder manter-se vivo na profissão. Nossa profissão ‘chupa’ muito. A pergunta que eu sempre faço, para mim e para quem me ouve/lê: onde tu tiras energia para se manter vivo na profissão? Pergunta geográfica (onde) e existencial (quem tu és, educador)?

Keane: Aqui uma pergunta mais relacionada a prática pedagógica em sala de aula: por diversas vezes durante o relato de suas observações das aulas de alguns professores, o professor relatou o excesso de barulho que os alunos faziam, o que inviabiliza muito a ministração da aula que, ou causava uma decepção visível ao professor ou levava a completa indiferença por parte dele. Nas aulas noturnas foi observado que acontecia o contrário: não havia barulho, o que demonstra apatia por parte dos alunos em relação a aula. Que atitudes o professor aconselharia para os professores acharem um “meio termo” entre situações de completa indisciplina em sala de aula e outras de intensa apatia por parte dos alunos?

Professor Nestor: A gente tem que negociar com cada turma porque eu sou um e vocês são vinte e cinco, quarenta, quarenta e cinco. Quando falaram quarenta em sala, eu me assustei! É uma situação de estresse e de limite físico. É muita coisa. Quem sou eu para dar conselhos para vocês que são muito mais profissionais do que eu que trabalho com muito mais alunos. Eu não tenho quarenta e dois alunos em toda a graduação. Ontem eu falei que a escola é um espaço de acolhida, mas para vocês é quase insalubre. Eu acho que, a priori é o seguinte, o professor é um profissional que tem que ter condições de trabalho dignas. Vocês estão sendo colocados numa situação que tende o barco a colidir contra o iceberg, porque é um sobretrabalho, uma



sobrecarga de alunos em condições que são difíceis. Como é que tu vais negociar o silêncio com mais de quarenta e dois adolescentes?

Mas eu não teria muito como ajudar vocês nessa hora, o que eu ia tentar fazer são pactos. Eu: olha gurizada vocês são quarenta e dois, está dando muito barulho, a gente não está conseguindo conversar. O que que a gente pode fazer para vocês, durante alguns minutos, me ouvirem, fazer as tarefas que eu estou propondo para depois eu deixar vocês conversarem um pouco entre si, vocês também mexer no celular, vocês também fazerem coisas que não seja ficar o tempo inteiro ouvindo o professor? Eu acho que é isso: pactuar para que o ambiente seja salubre, seja de respeito entre nós. Eu mereço ser respeitado por vocês. Não posso ser agredido porque tua vida, na família, na comunidade, é uma barra pesada.

Keane: Eu sobrevivo muito desses acordos, porque eu não vou com a ideia de fazê-los ficarem em silêncio. Até porque eles ficarem em silêncio é muito desmotivador para eles.

Professor Nestor: Como é que eles vão ficar em silêncio nos cinco períodos, porque depois da Geografia tem a Matemática, depois tem não sei o que e ainda bem que tem de vez em quando uma Educação Física para gente correr um pouco, mas eles voltam todos sedentos, todos suados e agitados.

Simone: Dentro dessas essas especificidades que a gente encontra dentro da sala de aula, é tanta variedade, ainda tem os alunos especiais. Então, a gente tem três, quatro, um autista, um com paralisia, um esquizofrênico.

Professor Nestor: O que vai gerar isso senão um sofrimento docente, um possível *burnout* a longo prazo porque trabalhar assim no limite... Vocês já sabem que vocês estão sobrecarregados e aí colocar quatro alunos especiais, não tem quem venha de uma formação na graduação sabendo lidar com autismo, com tal síndrome, com dificuldade visual, com locomoção, o outro com uma certa paralisia cerebral. Desrespeito para o educador. Então, teria que ter aí, de novo, - o que as redes não vão fazer, porque é custo -, profissionais auxiliares para poder auxiliar vocês. E a gente não vê isso. E aí vem aquela questão da inclusão. Será que inclusão é só colocar no mesmo espaço? Deixar meio abandonado? Mas de novo, gente, isso implica em custo. Mas, a Educação dos Governos é vista como custo e não como investimento.

Então, para quer que eu vou botar mais um funcionário para ajudar lá o professor? Professor que se vire. Qual a concepção: para os pobres, escola pobre, empobrecida, com profissionais sobrecarregados, sem o quadro de especialistas, pois atender a estas demandas requer conhecimento especial, não é questão de boa vontade. Mas não dá. Vocês têm limites que não têm como lidar com isso. E também não adianta dizer assim: - Ah, mas faltou uma cadeira lá na formação da graduação. Ia faltar a cadeira para discutir o racismo, LGBTQIA+, outro para síndrome de não sei o que, o outro pra Globalização. Ah, mas não tem sobre a região Antártica também, vamos fazer uma disciplina. Então, não é simplesmente botando mais coisas para uma formação hercúlea. O professor não é o Atlas, carregando o mundo nas costas. Mas o



que eu diria para vocês é o que vocês já fazem, é negociar, porque no fundo vocês são mais fracos que eles.

João Paulo: Como podemos levar nossos alunos do EFM a interpretar o mundo sob a perspectiva geográfica?

Professor Nestor: Eu acho que já dei várias dicas aí, como na própria tese e em meus textos sempre faço críticas, mas aponto possíveis caminhos. Olha, se eu estou criticando, eu não estou expondo a pessoa ao vexatório, mas eu talvez esteja indicando para o leitor, não faça isso, faça algo de diferente. Então, tentando te responder, usar o quadro, vamos tentar usar o quadro de uma forma que seja também acessível e organizada para o aluno, porque talvez ajude ele a centrar-se. O que tu vais escrever no quadro que ajude ele depois de quinze dias quando ele ler de novo? Ah, olha aqui, eu nem tinha prestado atenção no que eu copieei na hora lá e o professor fez uma pergunta aqui. O que será que ele quer com isso? Ou seja, o quadro pode ser convidativo para reflexões e não necessariamente só para conclusões.

Outra coisa, inevitavelmente a Geografia trabalha com mapas. O que vocês viram na minha tese? Quase nenhum professor de Geografia leva o mapa. É bom, use o mapa de uma forma que não seja hostil, não adianta botar lá no quadro e tu ficar na frente dele. Bota o mapa no centro da sala, se bem que com quarenta e dois (*alunos*) vai ser osso. Vocês já disseram isso. É complicado. Enfim, ainda poderia ter quarenta e dois em sala também. Poderia ter dois mapas para poder olhar. Mas, enfim, leva o mapa. Então, tem que se trabalhar com ele. Ou então trabalhar o mapa do livro. Tem o livro didático, então vamos usar o livro de uma forma que não seja sequencialmente aborrecida, aborrecida. Vamos tentar ensinar porque eles não gostam do livro, porque eles não entendem a tabela que está ali. O que que é isso? Vocês vão ter que explicar. O mapa é um borrão colorido. O que que é isso? Por que que está essa cor aqui? Vocês vão ter que explicar.

Paradoxo, o livro didático não é auto compreensivo, não é didático. Às vezes, ele tem uma didática que eu, professor, o que esse cara está querendo dizer? Isso eu reparei ontem, também nos trabalhos da sessão de exposição dos mestrados. Eu li uns trabalhos, algumas lâminas ali e disse: o que que esse cara está querendo dizer? Então, a língua portuguesa embora seja “entendida por todo mundo”, ela não é tão facilmente entendida. Eu dou sempre o mesmo exemplo ‘há setenta e cinco anos’. Gente, o Jornal Nacional, aquele programa na televisão Globo que tem às 20h30min que fala as notícias do Brasil, eu duvido que a maior parte que está escutando aquilo entenda, porque vai numa velocidade a mudança do assunto que tu não consegues. Terremoto na Turquia, daí gira o globo rapidinho, mostra ali tantas vítimas, aí tem uma cena que dura cinco segundos... Caiu a bolsa de Nova York não sei porque e no próximo bloco a reforma administrativa está empacada no Congresso Nacional. O mundo é muito dinâmico e a gente está sempre correndo atrás. Talvez uma outra dica - e eu acho que está escrito isso no texto - : correr menos com o conteúdo. Eu não posso tentar resolver o problema Israel-Hamas em quinze minutos. Eu não preciso opinar sobre qualquer assunto. Às vezes com aquele assunto fazer duas ou três perguntas que eu não preciso, no final de quinze minutos responder, como também solucionar o problema da Guiana ou Venezuela, mas eu posso mostrar o mapa,



mostrar algumas informações e tentar pensar em alguma sem ter a pretensão de está ‘encerrado’ o assunto e próxima semana as estações do ano.

Então, a correria, às vezes, é um certo produtivismo – ou será que corremos para fugir de nós mesmos? - que não ajuda a reflexão, ajuda a simplesmente ficar com a sensação: - “Eu dei o assunto para eles, como é que eles não entenderam? Porque não prestaram atenção?”. Então, também já estamos transferindo para o outro. Mas a gente acredita numa fantasia, a gente acredita que naquela aula a gente resolveu e aqueles assuntos agora estão entendidos. Blocos econômicos? Eu dei uma aula de blocos econômicos. Resolvido. A gente acredita que o nosso poder de convencimento e esclarecimento é muito superior ao que nós temos. Então, o que eu quero dizer é corra menos, seja mais humilde, ouça mais os alunos, faça o feijão com arroz de maneira gostosa. Todo mundo come um bom feijão com arroz, agora não adianta tu queimar a carne de 1ª! Vai ser intragável. O mais simples é o melhor, o menos é mais. Então, não correr tanto. Repito: todos os problemas que vocês apontaram nas perguntas são muito mais complexos. Ao responder, como se tivesse a resposta, é uma simplificação. Necessária, inicial, mas reduzindo o que é complexo e múltiplo. E quando eu digo que é complexo não é que eu estou fugindo da resposta. Eu estou dizendo: olha, isso é demorado, nós temos que fazer com mais calma. Nós temos que ouvir mais vocês. Ouvir outras visões. E isso não paralisa a ação, torna-a mais acertada.

Que direito tenho eu de dizer como vocês têm que fazer, quando vocês dizem que tem quarenta e dois alunos em sala, quatro especiais e que depois vocês vão para outra turma de quarenta e dois?!?! Isso sim é quase que um ato de heroísmo de vocês. Então, é um trabalho beirando o cansaço físico e mental. É muito mais barato comprar um microfone e dar para cada um de vocês que a gente diminuir o número de alunos. Mas também tem isso, vocês comprarem um monte de equipamento, isso para sociedade é por si só visto como ‘investimento na Educação’. ‘Solução’ técnica, rápida. Comprar equipamentos, não investir no professor formador.

Com isso aí, a gente volta para um tema que a gente nem falou muito. Ah, e a tecnologia, professor? Tu é contra? Lógico que eu sou a favor, ela está aí para nos auxiliar, mas ela não tem a pretensão nem de substituir o professor e também com isso aí não se pode eximir o poder público de dar condições de trabalho para vocês. Porque isso aí também pode ser um aliado, mas também pode ser um fator a mais de: - Copie as dez questões que estão ali no *tablet* e responda o questionário. Posso fazer as mesmas coisas só que usando a telinha. A tecnologia, também dou um exemplo há setenta e cinco anos, é uma faca. A faca é uma tecnologia, mas como é que eu uso a faca? Para matar a mulher em casa ou para cortar a fruta no recreio? Então, o computador pode ser usado para a *deep web* para fazer crime, para acessar pornografia infantil, para fazer todo mundo cão mais abjeto possível e eu posso usar para fazer um diagnóstico médico, mandar uma imagem lá para o Japão para ser interpretada. Então, a tecnologia está aí para nos ajudar, se houver por parte dos educadores e dos gestores uma visão respeitosa e de diálogo com vocês educadores e educandos. O que me parece que falta, às vezes, são os gestores da Educação ouvirem mais vocês e não só dar mais encargos para vocês. Chegou o Chromebook, se vira. Chegou o microfone, use. Lá no Rio Grande do Sul surgiu a mesma coisa, a prefeitura gastou não sei quantos milhões no equipamento e que muitos professores não



sabiam que tinha chegado na escola, para o qual eles não receberam nenhum tipo de ‘treinamento’. Não recebeu nenhum tipo de aproximação desse troço para também não ver isso aí como um espantalho. E ao mesmo tempo o que foi que surgiu? Depois foram pesquisar, tinha suspeita de superfaturamento na compra do material. A prefeitura diz que gastou tantos milhões no equipamento das escolas, mas vocês professores não sabem o que fazer com aquela geringonça. Então, a tecnologia é um problema? Não. Veja que o mesmo já se dá com os livros didáticos. É, para mim, doloroso, ver livros didáticos empacotados nas escolas sem o uso.

Sempre vai ter uma questão de gestão e de relacionamento com os sujeitos da Educação. Isso vale para a relação secretaria municipal ou estadual, vai de vocês com os alunos, vai de vocês entre si, entre vocês e a direção. No fundo é algo a ver com cidadania. O que é cidadania e o que que é democracia? Nós temos que avançar muito nisso e isso não é um problema técnico, ou saber mais Geografia, ou saber mais gestão, ou saber mais Química, ou saber mais Pedagogia. É um trato com as pessoas, isso a gente não aprende só na faculdade, mas a gente pode estudar isso na faculdade também. Então é isso, gurizada.

Simone: Como o professor vê o futuro da prática docente, especificamente no ensino da Geografia, com o advento das novas tecnologias e da inteligência artificial? Muitos chegam a dizer que não será mais necessário ter um professor. Será que de alguma forma estamos contribuindo para nossa própria ausência futura?

Professor Nestor: Por que vocês estariam contribuindo para a ausência futura?

Simone: Quando a gente abre para o uso das novas tecnologias.

Professor Nestor: Não. Você não pode negar que existe isso aqui ou que existe isso aqui. O ChatGPT está aí, como vocês vão lidar com isso? O que vocês vão ter que mudar? Talvez a tarefa que vocês peçam, porque se vocês continuarem, escreva uma lauda sobre os biomas brasileiros e botar isso no chat GPT, vai ficar pronto. E, provável, sairá melhor do que se nós fizermos! Então, talvez você tenha que mudar a tarefa. Agora, sobre esse negócio de inteligência artificial, sinto muito...

Falei esta semana com um amigo meu que é advogado e ele disse que isso já está chegando de um jeito, de uma forma absurdamente rápida. Que a maior parte das petições, aqueles procedimentos burocráticos da advocacia já são feitos pelo ChatGPT. E o site GPT nasceu há quantas décadas atrás? Nasceu esse ano. Então, já chegou no meio profissional. Isso vai causar um impacto – positivo e negativo na produção docente. Que a princípio sempre foi considerada uma profissão de alto uso de intelecto, de redação, de autoria. Já chegou. Não, muitas coisas dele são recorte e cole mesmo. Então, isso vai chegar na gente também. Já chegou! Peça para o chatgp fazer um plano de aula ou até mesmo falar sobre mim, Nestor André!. Sério, o programa é de uma rapidez incrível. Tem professores que dizem assim: - Ah, recebi um trabalho que não sei se o aluno fez! Eu li esta semana um plano de aula feito por um estagiário (1ª aula) que era um primor. Sei que não era dele! Que vou fazer? Brigar com o aluno? É uma questão ética bonita, cada um de vocês vai lidar com isso, já está aí. Então vocês vão fazer o



que? Se existe uma tecnologia, ela pode ser usada para o bem e para o mal. Como nós vamos lidar com isso? Como vai ser isso no futuro? Eu sou ruim de negócio para o futuro, não sei pensar nem o que vou comer amanhã. Então, são problemas novos que nós vamos ter que saber lidar. Como nós vamos lidar com isso? Acho que continua aquela velha frase: estimulando a democracia; o debate organizado entre os pares. Como é que vocês estão lidando com isso? O que que está acontecendo nas turmas de vocês? O que que nós podemos fazer? Mas lutar contra o ChatGPT, isso aí é enxugar gelo, ele já está aí e vai continuar e daqui a pouco vai ter um ChatGPT numa versão muito melhor. Porque esse meu amigo advogado já fez uns testes com um site GPT e disse: -Eu que sou especialista na área, percebo que tem coisas ali que são um pouco forçadas. São umas frases meio mal ajeitadas. Mas, ele é advogado e pediu para fazer um tema muito específico.

Vocês são muito mais generalistas. O trabalho que vocês pedem. É muito mais fácil de fazer um texto palatável. Então, como lidar com isso? Dê tarefas simples que ele pode fazer sem precisar copiar algo pronto! Por exemplo: dá um material que tu já deu uma olhada, que tu já conhece e sabe que tem fidedignidade, que tem qualidade e pede para eles assistirem. Eu diria o seguinte: - Assista 15 minutos disso. O aluno interessado vai dizer: - Ah, esse aqui está bom, aí vai olhar até o fim. E o mais preguiçoso diz: Ah, eu vou fazer para me livrar da Keane, eu vou fazer aquela porcaria, desde que a tarefa convide ele a fazer algo mais pessoal, não meramente repetir o lido/visto. E faria poucas perguntas também! Duas está bem, e uma, inclusive bem aberta que é ele que tem que responder. Porque você tem que diminuir o teu trabalho, tem muitas turmas. Então, de novo, o menos pode ser mais. Faz uma tarefa simples. Eles já estão na tecnologia do TikTok⁵. Tiktok são quantos minutos? Segundos.

Keane: E força até a gente a aderir esse TikTok. Porque eu poderia procurar o tema para eles. Só que eu não tenho familiaridade com o TikTok, não sei nem como passar trabalho. Eu nem tenho TikTok. Aí eu tenho que familiarizar com a ferramenta.

Professor Nestor: Ok, talvez tu não tem acesso, uma familiaridade com o TikTok, mas eles talvez tenham. Então, tu podes dizer, pesquise no TikTok sobre determinado assunto, talvez 10 façam bobagem, mas vai ter 1 ou 2 que vão fazer coisas muito interessantes e isso já serve para tu replicar depois na próxima aula. Então, qual é a minha experiência? A gente escuta o aluno, não só porque a gente é ‘bonzinho’ e ‘democrático’, mas a gente ao escutá-lo, a gente aprende com ele, eles sabem muitas coisas. “Ah, eu Nestor, não tinha pensado nisso. Eu não sei fazer isso, mas eles sabem. Vou fazer isso com a próxima turma”. Pensando no que? Diminuir um pouco a pressão sobre vocês. Isso que a gente tem que pensar. Por que ter sempre essa pressão de fazer coisas criativas, fazer coisas legais? Não, vocês não são animadores de circo. Ah, tem que fazer coisas que eles gostem. Não, mas peraí, vocês não estão indo à padaria comprar um quindim ou um brigadeiro

Keane: Eles são *influencers*.

⁵ Rede social de compartilhamento de vídeos curtos.



Professor Nestor: Gente, eles são ou podem ser muitas coisas. Não está no controle de vocês. Ainda bem que não. Mas, a escola é AINDA UM LUGAR para estudar. Estudar é, vocês sabem, trabalho. Vocês estão fazendo mestrado, sabem que isso é trabalhoso, não é prazer. Isso é um exercício. Qual o trabalho do professor (ou do estudante)? Ler, escrever, argumentar! Não é se divertir, não estamos indo no *shopping*. Agora isso vai bem ao encontro a cultura que nós estamos vivendo hoje. Nós estamos vivendo a cultura do prazer imediato, no prazer eterno, no prazer constante na sociedade do hedonismo. Eu não quero trabalhar. Isso vale não só para os de classe média alta, essa cultura, também, está nas classes pobres. Porque são valores que vão apegando a nossa pele. Quem são os nossos ídolos? Quem está na mídia como sinônimo de sucesso? Não são, em geral, gente da ciência.

Com isso, vamos finalizar: não se trata do Quixote contra moinhos de vento (contra o prazer, contra o consumo, contra o *dolce far niente*). Não se tornem os chatos do passo certo (façam o que eu digo, pois você professor, provavelmente, NÃO É MODELO de sucesso a ser seguido por eles). Mas, você pode, com suas aulas ajudá-los a saírem de suas cavernas (das garrafas em que estamos contidos) para, através da educação, da reflexão, do encontro com o outro, voltarem as suas cavernas (sic) para pensar quem somos, quem são os outros que comigo vivem (na escola, na cidade) e, sonho maior, pensar em quem queremos ser numa sociedade que lute contra todas as formas de vida que explorem e diminuam o ser humano. Não tem como geografar sem (se) existenciar. Não tem como SER sem ESTAR.

Terminaria com Fernando (Mar Português)

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para eu fosse nosso, ó mar!
(...)
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Nas nele é que espelhou o céu.

Todo(a) educador(a) é um(a) crente. Quais são as crenças que te movem a continuar trabalhando (e crendo) que nosso trabalho faça diferença na vida das pessoas com as quais lidamos? Eu já respondi isso em outros textos: o que me move – e me mantem em movimento (crendo) é você, meu colega, meu aluno.

HISTÓRICO

Submetido: 19 de Junho de 2024.

Aprovado: 11 de Julho de 2024.

Publicado: 11 de Julho de 2024.



DADOS DO(S) ORGANIZADORES(AS)

Keane Barroso de Carvalho Saturno

Professora efetiva do ensino fundamental 2 da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Fortaleza. Doutoranda em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia - PROPgeo da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e faz parte do Laboratório Estudos do Território e Urbano - Letur. Fortaleza, Ceará, Brasil. Endereço para correspondência: Avenida Desembargador Moreira, de 2121 ao fim - lado ímpar, Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará, Brasil, CEP: 60170-173.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6533-3610>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2033462224803300>.

E-mail: keanebarrosocarvalho@gmail.com.

Simone Fernandes Soares

Professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME), Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal do Ceará. Especialista em Ensino de Geografia pelo Instituto Prominas Serviços Educacionais. Mestranda em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia - PROPgeo da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza, Ceará, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Itaperi, Fortaleza, Ceará, Brasil, CEP: 60714-903.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0610-9506>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1273645234643336>.

E-mail: simone.fernandes@aluno.uece.br.

João Paulo Cruz Bezerra

Docente da rede pública estadual. Especialista em Educação Ambiental no Contexto das Ciências Humanas e Naturais pela Faculdade Ateneu. Técnico em Meio Ambiente pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Mestrando em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia - PROPgeo da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Itaperi, Fortaleza, Ceará, Brasil, CEP: 60714-903.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5595-3346>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3008716996310803>.

E-mail: joaopaulo.cruz@aluno.uece.br.

Victória Sabbado Menezes

Professora Adjunta do curso de Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Fortaleza, Ceará, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Itaperi, Fortaleza, Ceará, Brasil, CEP: 60714-903.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2750-2820>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6978898004418365>.

E-mail: victoriasabbado@gmail.com.

COMO CITAR A ENTREVISTA - ABNT

SATURNO, Keane Barroso de Carvalho *et al.* “O meu passeio calado é uma conversa continua... e há grandes viagens por fazer se tivermos alma com que ter passos”: Entrevista com o Professor Nestor André Kaercher – POSGea, UFRGS . **Revista GeoUECE**, Fortaleza (CE), v. 13, n. 24, e20240ENT, 2024.